

## PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DO ENTORNO DA MATA DA PAIXÃO, EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, SP.

L. G. CÂNDIDO<sup>1</sup>, L. BOTEZELLI<sup>2</sup>, D. R. T. RIONDET-COSTA<sup>3</sup>, A. M. IMPERADOR<sup>4</sup>, D. O. SANT'ANNA<sup>5</sup>

Universidade Federal de Alfenas<sup>1,2,4</sup>, Universidade Federal de Itajubá<sup>3,5</sup>

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5916-0442>

luciana.botezelli@gmail.com<sup>2</sup>

Submetido em 14/02/2019 - Aceito em 18/08/2020

DOI: 10.15628/holos.2020.8316

### RESUMO

Este artigo traz um estudo de caso sobre a percepção ambiental de moradores vizinhos a um fragmento de floresta urbana - Mata da Paixão, na cidade de São José do Rio Pardo, SP. Para determinar a percepção do residente no entorno do fragmento, foi realizado um levantamento, utilizando técnicas de geoprocessamento e aplicação de questionários semiestruturados para avaliar perspectiva socioambiental dos moradores. Assim, foi possível sistematizar informações da relação entre a comunidade e o remanescente de mata no espaço urbano. Como resultado, foi produzido um mapa

atualizado da área. Sobre a perspectiva dos moradores, em uma visão geral, a maioria dos moradores afirmou que morar perto de um fragmento florestal traz mais benefícios do que desvantagens para a comunidade, embora seja notável a negligência dos órgãos públicos quanto à área. Os achados indicam que a relação entre o ocupante urbano, o bairro e o entorno, neste caso, ocorre de forma positiva. Assim, iniciativas de agentes públicos locais são necessárias para manter a relação ambiental harmônica em áreas urbanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Planejamento urbano, áreas verdes, manejo ambiental, fragmentos urbanos.

## ENVIRONMENTAL PERSPECTIVE OF THE RESIDENTS AT THE SURROUNDING OF MATA DA PAIXÃO IN SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, SP.

### ABSTRACT

This work analyzes a case study of the environmental perception of neighbors to a fragment of urban forest - Mata da Paixão, in the city of São José do Rio Pardo, SP. In order to determine the resident's perception around the fragment, a survey was carried out using geoprocessing techniques and the application of semi-structured questionnaires to evaluate the socio-environmental perspective of the residents. Thus, it was possible to systematize information among the community with the reminiscences of native areas shaped in urban space.

As a result, an updated map of the area was produced. From the perspective of the villagers, in an overview, most villagers stated that living near a forest fragment brings more benefits than disadvantages to the community, although the neglect of public agencies within the area is notable. The findings indicate that the relationship between the urban occupant, the neighborhood and the surroundings, in this case, occurs in a harmonic sense. Thus initiatives of local public stakeholders are necessary to maintain the harmonious environmental relationship in urban areas.

**KEYWORDS:** Urban planning, green areas, environmental management, urban fragments.



## 1 INTRODUÇÃO

O processo de urbanização brasileiro, que se tornou mais acentuado a partir da década de 60, concentrou a população no ambiente urbano. Este ambiente cresceu de forma desordenada e sem o disciplinamento do uso e ocupação do solo, provocando impactos diretos no ambiente natural e também ao ser humano (Mota, 2011).

Segundo o mesmo autor, os fragmentos florestais urbanos são um reflexo da expansão das cidades de forma desorientada. Essas áreas são pequenos espaços de paisagem natural inseridas na matriz urbana, que detém grande importância em diversos aspectos, e estão sujeitos a alterações causadas pela relação conflituosa do homem com meio ambiente a sua volta. A título de exemplo, um dos principais aspectos benéficos que essas áreas apresentam à comunidade de seu entorno é o conforto térmico. Um estudo feito por Martelli e Santos Júnior (2015), em Itapira/SP constatou que a umidade relativa do ar é maior e a temperatura é menor em um fragmento de mata nativa quando comparada a outros pontos da cidade, onde há uma maior concentração de ambiente construído.

Uma das formas de compreender as alterações que estas áreas provocam no local onde estão inseridas, é por meio da percepção da população que vive em seu entorno. A psicologia científica trata a percepção como um dos principais temas do seu ramo, uma vez que é a partir dela que se processam as informações que se recebe, tornando-a uma ferramenta de estudo importante para entender o cérebro humano e os aspectos sociológicos que abrigam essa relação homem *versus* natureza (Simões & Tiedemann, 1985 *apud* Ferreira, 2012).

Moser (1998) aponta que existe uma inter-relação estudada pela psicologia ambiental que, além da percepção do homem sobre o meio ambiente em que está inserido, há ainda o estudo dos efeitos e da influência deste meio físico para com o indivíduo que o percebe, ou seja, uma relação recíproca e dinâmica que pode ser avaliada tanto para relação do homem com ambientes naturais, quanto para construídos.

Um fator associado à mudança de percepção do ser antrópico diante do ambiente natural é a inserção da educação ambiental no Brasil, a partir da década de 1970. Silva *et al.* (2015) em um levantamento da percepção ambiental dos residentes de São Carlos (interior de São Paulo), relacionaram os fatores sociais, como a idade e sua influência correlacionada na percepção ambiental dos indivíduos. Segundo o estudo, no que tange aos aspectos sociais, ficou confirmado que aqueles cujas idades são inferiores a 45 anos apresentaram maior percepção e consciência ambiental, uma consequência direta da inclusão da educação ambiental no ensino básico. Já quanto aos aspectos ambientais, ficou constatado ainda que o estudo da percepção se configura como uma importante ferramenta de planejamento e gestão de políticas públicas, uma vez que abrange as demandas da comunidade de forma participativa (Silva *et al.*, 2015).

O fragmento estudado localiza-se em um bairro de classe média num município do interior de São Paulo, estando cercado completamente pela expansão urbana. Conhecido como Mata da



Paixão, compõe a paisagem de forma bastante interessante e devido à topografia mais inclinada pode ser avistado de diversos locais, tornando aprazível a paisagem.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi analisar a percepção dos moradores que vivem no entorno do fragmento chamado Mata da Paixão no município de São José do Rio Pardo/SP - localizado próximo ao centro da cidade - e fazer o mapeamento de sua área, afim de entender melhor a interação homem × meio ambiente e a relação do espaço urbano × fragmentos florestais, para assim criar panoramas sobre o estado atual e cenários da área a fim de evitar conflitos com o meio urbano.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### Fragmentos florestais em ambientes urbanos

O ambiente urbano, segundo Mota (2011), pode ser dividido em dois sistemas: o sistema natural e o sistema antrópico, que interagem entre si moldando os espaços urbanos. Assim, o espaço urbano não é considerado um sistema completamente fechado já que não se pode encontrar todo o necessário nesse sistema para sobreviver. Assim, as cidades devem ser compreendidas como um sistema que depende das demais partes do meio ambiente para funcionar e a partir desta ótica, o ser humano é visto como principal modificador do ambiente natural.

O crescimento desses espaços sem a devida infraestrutura acarreta conflitos e cria problemas ambientais pela má utilização dos recursos naturais, como por exemplo a criação de fragmentos de matas nativas isolados no ambiente urbano – fragmentos florestais urbanos (Mota, 2011). Desta forma, fragmentos florestais urbanos podem ser resumidamente conceituados como remanescentes de matas nativas que permaneceram nas cidades após resistirem a um processo de expansão desordenado do espaço urbano. No entanto, Melo *et al.* (2011) apontam que o termo em si é muito amplo e assume diversos sinônimos tais como “florestas urbanas” e “vegetação de reserva e lazer”, mas que por fim possuem a mesma definição.

Esses fragmentos assumem diversas funções quando inseridos no ambiente urbano. Szeremeta (2007) ao conceituar o termo área verde urbana ressalva que a importância desses espaços vai muito além de sua função recreativa. Há também funções econômicas, sociais e ecológicas entre outras. Segundo Mota (2011) a supressão da vegetação, quando feita de forma inadequada, resulta em impactos ambientais em diversas esferas, tais como o aumento da produção de gás carbônico na atmosfera, o uso intenso e sobrecarga dos recursos hídricos na hidrosfera, a mudança de paisagem devido às construções na litosfera e o aumento dos níveis de ruídos causando danos à saúde humana no que tange ao impacto no ambiente urbanizado.

Quando localizados próximo ao espaço urbano, os fragmentos florestais ao longo do tempo sofrem com a perda da qualidade ambiental. Fengler *et al.* (2015) apontam que as modificações dos espaços por ações antrópicas, aliadas ao desmatamento, potencializam a deterioração do fragmento, o que pode afetar não só o fragmento mas todo o ecossistema que está sob sua influência, como por exemplo uma sub-bacia da região.



É evidente que os impactos ambientais podem ser potencialmente muito altos se não houver qualquer interferência ou tratativa dos órgãos públicos, assim, programas de monitoramento aliados a uma gestão participativa podem garantir a manutenção dessas áreas (Pereira *et al.*, 2018).

### Percepção ambiental e gestão no espaço urbano

Uma das principais ferramentas da psicologia científica e psicologia ambiental é o uso da percepção para estudar o modo como o ser humano interage e é influenciado pelo meio a sua volta (Ferreira, 2012). Assim a especificidade da psicologia ambiental é justamente caracterizar as interferências do meio sobre o ser humano e as modificações deste sobre o ambiente natural, configurando uma relação dinâmica e recíproca que afeta ambos os lados (Moser, 1998).

Estamos preocupados em caracterizar as incidências específicas de certos micro e macros ambientes sobre o indivíduo. Ou seja, como, por exemplo, a casa de uma pessoa é capaz de influenciar a sua percepção, avaliação, atitudes e satisfazer suas necessidades. Mas também estamos interessados em coisas muito mais amplas, como uma cidade, por exemplo. Como ela influencia o comportamento e o cotidiano do indivíduo? É nesse sentido que estamos interessados em saber como o indivíduo reage às condições constringentes do ambiente, como, por exemplo, o estresse, pois para nós o estresse é uma palavra-chave na relação que o indivíduo tem com essa entidade ambiental, a grande cidade (Moser, 1998, p. 122).

Além disso, a percepção configura-se como uma importante ferramenta de apoio para integrar a comunidade a uma gestão integrada e participativa do município, permitindo aos seus gestores e agentes modificadores ouvir a população e ajustar seus programas de forma a melhorá-los e acompanhar a repercussão deles diante da comunidade (Rodrigues *et al.*, 2012).

Deste modo, faz-se interessante analisar a percepção dos moradores que vivem às margens de fragmentos florestais para assim, não só obter argumentos sólidos para propor alternativas e projetos a esses ambientes, como também ter dados para melhor entender como se dá esta interação do homem – principal agente modificador do espaço urbano – com meio a sua volta (Pereira, 2016).

Uma das formas do município trabalhar alternativas a estes ambientes é via Plano Diretor. Este instrumento de gestão pública é pautado na gestão democrática e participativa, estabelecido pelo Estatuto da Cidade e previsto na Constituição Federal (Artigos 182 e 183). O Plano Diretor visa promover o desenvolvimento do município assegurando o cumprimento da função social da cidade, da sustentabilidade econômica, social e ambiental (São José do Rio Pardo [SJRP], 2007).

O Art. 10 do Plano Diretor da cidade de São José do Rio Pardo (Lei Municipal nº 2920/2007), define diversas temáticas para desenvolvimento da cidade (SJRP, 2007, p.3). Através dessas temáticas, é possível dividir o território em diferentes áreas, chamadas de macrozonas, que terão abordagens de desenvolvimento distintas, respeitando suas respectivas taxas de ocupação (TO), coeficiente de aproveitamento básico (CA) e taxa de permeabilidade (TP), para assim dispor o município (SJRP, 2007).



Dentre essas macrozonas, a área deste estudo se encontra na Macrozona Urbana de Adensamento Diversificado (MU-AD) segundo a última carta cartográfica das macrozonas divulgada pela Câmara Municipal em 14 de setembro de 2017 (Figura 1). Desta forma, é possível notar que não há qualquer tipo de destaque de área verde neste zoneamento, o que indica que a área está suscetível a desmatamento e destruição parcial para dar espaço a lotes residenciais e comerciais no bairro (SJRP, 2017).

## METODOLOGIA

### Caracterização da área de estudo

O fragmento de estudo está localizado no bairro Jardim Santa Tereza no município de São José do Rio Pardo, interior do estado de São Paulo e é chamado pelos moradores de Mata da Paixão. Possui aproximadamente 40.997m<sup>2</sup> de área e um perímetro de 1532,78 m, valores encontrados através de *softwares* de geoprocessamento pelas autoras. No entorno imediato do fragmento há aproximadamente 41 casas que fazem contato direto com a mata, mas o bairro se estende além desta área. O mesmo se localiza próximo ao centro, perto de escolas e faculdade, é bem arborizado e de ocupação predominantemente residencial. Dentro da área verde há fauna e flora nativa de mata atlântica, na parte inferior há o córrego das Macaúbas, que em linha reta atravessa o maior lado do fragmento e se estende para outros bairros da cidade.

O fragmento é assim chamado devido a um morador antigo da região, chamado de João Paixão, que costumava cuidar da mata, retirando lixo e impedindo a circulação de pessoas no seu interior. Por todo seu cuidado com a área, com o tempo os moradores a foram denominando de “Mata do Sr. Paixão”. No entanto, após anos, a mata começou a ser utilizada como um refúgio para os amantes, por ser reservada, e a área passou a ser chamada “Mata da Paixão”. Segundo os dados da ONG SOS Mata Atlântica, o município rio-pardense apresenta 3.040 ha de remanescente de mata atlântica, o que corresponde a 7,25% da mata original no município, e vem apresentando taxa de desmatamento de 0% desde 2011 (SOS Mata Atlântica, 2016).

A mata encontra-se atualmente cercada com tela para impedir o acesso de transeuntes (Figuras 1 e 2) e não há qualquer tipo de gestão e utilização por parte do órgão público municipal. No que diz respeito aos aspectos ambientais, a área apresenta grande biodiversidade de fauna e flora, tais como macacos, pássaros e indivíduos florísticos nativos da mata atlântica, auxilia no escoamento e retenção de água da chuva, equilibra o microclima e não está completamente isolada. Corredores ecológicos podem ser notados na vizinhança, de modo que há áreas verdes nas proximidades, como a praça do bairro Santa Tereza e a vegetação próxima ao córrego das Macaúbas, área de preservação permanente que foi revegetada.





Figuras 1 e 2. Vistas da Mata da Paixão, São José do Rio Pardo, SP.  
Fonte: As autoras (2019)

## Procedimentos

Com auxílio de um GPS Garmin GPSMAP 64s os limites do fragmento foram percorridos a fim de coletar as coordenadas geográficas. A rota foi devidamente anotada e trabalhada sobre imagem da área utilizando-se o *software* ArcGIS® produzindo um mapa atualizado da área.

Foram visitados 41 domicílios que fazem contato frontal direto com a mata e optou-se por aplicar os questionários a todos esses domicílios. Definiu-se que participariam do estudo apenas moradores maiores de 21 anos de idade e aplicou-se apenas um questionário por domicílio. No caso dos moradores ausentes após duas tentativas foi estabelecido, como regra neste estudo, que não ocorreriam novas tentativas e o domicílio foi dado como “ausente” no levantamento dos dados.

Para averiguar a percepção dos moradores do entorno sobre o fragmento, foram aplicados questionários (semiestruturados) com os moradores que se dispuseram a participar, contendo quatro questões sobre aspectos socioeconômicas e onze questões sobre a importância de áreas verdes e opiniões sobre a área de estudo.

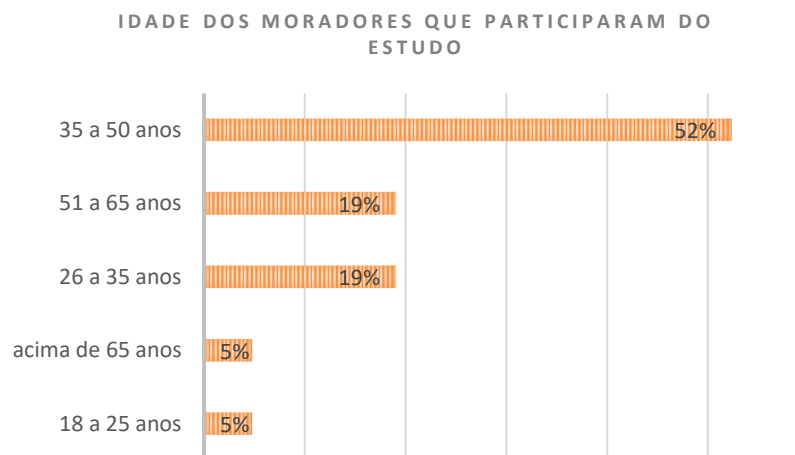
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Mapa da área

Utilizando a metodologia explicitada, gerou-se um mapa atualizado do fragmento Mata da Paixão (Figura 3).



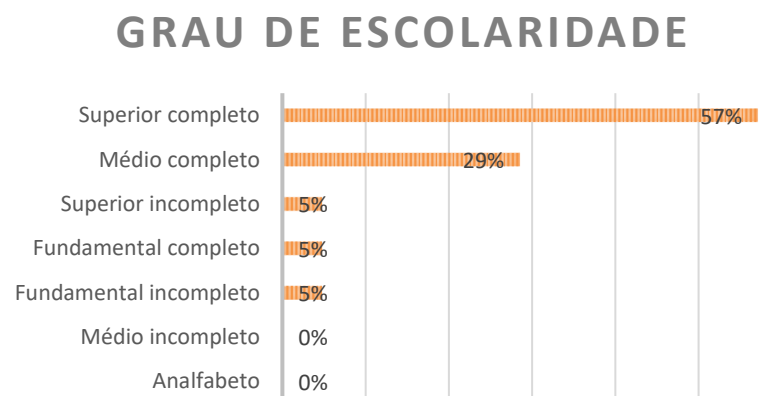




**Figura 4: Idade dos participantes entrevistados.**

Fonte: As autoras (2019)

Quanto ao grau de escolaridade, não houve respostas para as opções analfabetos e ensino médio incompleto. Em sua maioria os moradores apresentam ensino superior completo (57%), mas as respostas variaram entre as demais opções: Fundamental incompleto, Fundamental completo, Médio completo, Superior incompleto e Superior completo (Figura 5).



**Figura 5: Grau de escolaridade dos moradores do entorno da Mata da Paixão em São José do Rio Pardo, SP.**

Fonte: As autoras (2019)

No que tange à renda de cada entrevistado, a maioria disse receber entre 2 a 4 salários mínimos (48%), seguidos de 33% que recebem na faixa de 5 a 7 salários mínimos (Figura 6).



## RENDAS MENSAL

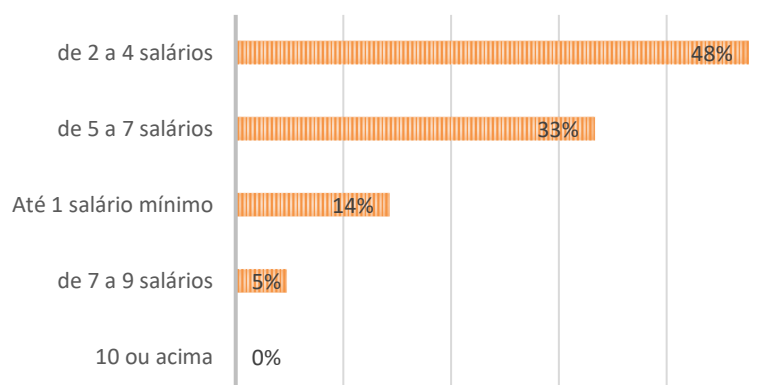


Figura 6: Renda de cada entrevistado do entorno da Mata da Paixão em São José do Rio Pardo, SP.

Fonte: As autoras (2019)

Em relação a este item, vale ressaltar que os entrevistados foram questionados sobre suas rendas individuais e não a renda familiar total. Além disso, outra observação válida, é que apesar de não serem questionados sobre seu núcleo familiar ou estado civil, a grande maioria informou durante a entrevista que são casados e possuem em média, um ou dois filhos.

No caso das mulheres entrevistadas, a maioria afirma que seus cônjuges recebem maior remuneração e, em sua maioria, responderam que ganham entre 2 a 4 salários mínimos ou 5 a 7 salários mínimos o que, de modo geral, induz a concluir que o perfil da comunidade que vive próximo a mata da Paixão é de classe média.

### Percepção da comunidade sobre a Mata da Paixão

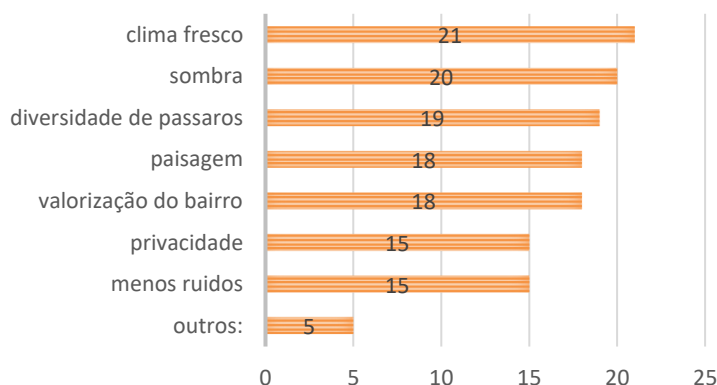
Primeiramente os entrevistados foram questionados se sempre moraram próximo a região de estudo e, do total de 21 entrevistados, apenas 6 afirmaram que sim. Entre os demais 15 entrevistados 47% afirmam morar próximo há pelo menos 10 anos, 27% vivem há menos de 2 anos e um percentual de 13% foi obtido tanto para as faixas de 2 a 5 anos quanto para a de 5 a 10 anos.

As variabilidades obtidas neste questionamento são de grande significância para identificar as recentes políticas públicas aplicadas à comunidade ou a ausência delas, e também o contexto histórico e evolução da comunidade, no entanto, este ponto será discutido mais adiante.

Quando questionados sobre o grau de arborização do bairro, 71% acreditam que a área é bem arborizada, 14% dizem ser razoavelmente arborizada e os demais 14% dizem ser pouco arborizada. Segundo estes, se a Mata da Paixão não estivesse presente no bairro haveria pouca vegetação nas calçadas e vias públicas, e por isso, acreditam ser necessário um plano de arborização no bairro.

Em uma das perguntas solicitou-se aos entrevistados que escolhessem se a área traz mais vantagens ou desvantagens ao bairro e a comunidade. Apenas 2 pessoas veem a área como um problema ao bairro enquanto os outros 19% acreditam que há mais vantagens em morar no entorno de uma mata. Assim ao questiona-los sobre as principais vantagens e desvantagens foi possível obter as seguintes informações (Figura 7 e 8), ressaltando que todos os entrevistados listaram tanto vantagens quanto desvantagens.

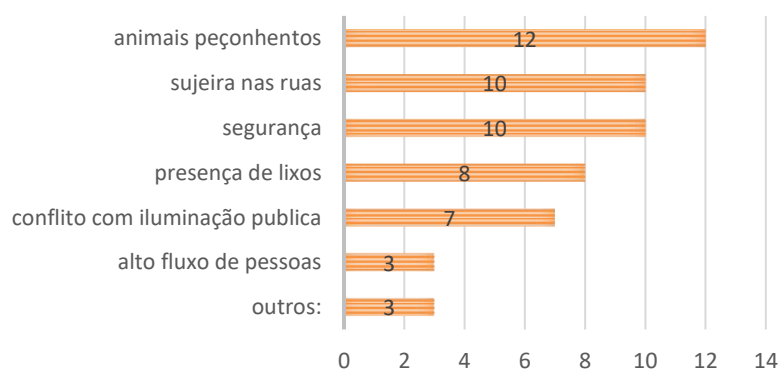
## VANTAGENS LISTADAS



**Figura 7: Vantagens listadas no questionário aplicado aos moradores do entorno da Mata da Paixão no município de São José do Rio Pardo, SP. Sendo outros: ar limpo; qualidade de vida; interação com animais; retenção de chuva (escoamento).**

Fonte: As autoras (2019)

## DESVANTAGENS LISTADAS



**Figura 8: Desvantagens listadas no questionário aplicado aos moradores do entorno da Mata da Paixão no município de São José do Rio Pardo, SP. Sendo outros: insetos; andarilhos; mal cheiro.**

Fonte: As autoras (2019)

No que tange às vantagens e desvantagens listadas, vale ressaltar que as mesmas se referem às condições na borda da mata e não no seu interior, assim quando se aponta que há sujeira nas ruas, refere-se à sujeira causada pela queda das folhas na rua e na parte onde não há cercas.

Aqueles que indicaram que morar próximo a uma mata traz problemas, afirmam que as principais desvantagens são a sujeira nas ruas, a escuridão à noite devido à iluminação precária das ruas e pouca segurança dos moradores, pois há alguns andarilhos. Esta última foi apontada apenas na rua onde há o córrego e por isso não há cercas impedindo a entrada na Mata. Segundo os moradores, muitas pessoas entram na mata para o uso de drogas ilícitas e também se escondem entre as árvores tornando os moradores possíveis alvos de violência.

No entanto, um depoimento nesta rua vale ser destacado: um jovem entrevistado que mora nesta rua onde não há cercas, teve sua casa invadida dois dias antes da entrevista e mesmo assim não se deixou interferir pelo ocorrido e afirmou que há muito mais vantagens em morar em frente a uma mata e entende que o caso foi esporádico. Ressaltou que mora apenas há dois meses ali, mas a casa é de seus pais, os quais sempre moraram no bairro e nunca havia ocorrido nenhuma invasão e roubo na propriedade.

Outro morador, no entanto, relatou que recentemente foi noticiado um caso de estupro na esquina desta mesma rua e por isso acredita que a falta de iluminação juntamente com a falta de cerca na mata vem trazendo grande preocupação aos moradores e propiciando casos como este. Acredita que apesar de todas as vantagens, morar perto de uma mata traz muitos riscos se não há qualquer tipo de monitoramento do órgão municipal, como no caso da área em questão.

A questão que levantou maior diversidade de opiniões foi se os moradores preferem que a mata se mantenha cercada e/ou que haja alterações para promover o acesso dentro da mata de forma recreativa e educacional. No geral, 43% dizem que sim, deveriam haver modificações para liberar o acesso a mata e os demais 57% acreditam que não. Quando questionados sobre o motivo, os que responderam “não”, acreditam que a mata deve ser preservada de forma integral para diminuir a chance de danos à mata atlântica. Eles também acreditam que liberar o acesso à área, mesmo que de forma limitada (durante horários definidos de funcionamento) diminuiria a segurança dos moradores do bairro Jardim Santa Tereza, atraindo maior movimentação para o bairro. Aqueles que responderam “sim”, o dizem por acreditar que o espaço pode se tornar um local de lazer com trilhas e áreas agradáveis para passeios. Acreditam também ser um potencial para práticas de educação ambiental envolvendo todo o município e afirmam que há modos de fazer isso sem degradar a área ou prejudicar sua biodiversidade.

Baseado neste questionamento, perguntou-se ainda se caso a área diminuísse para dar lugar a demais espaços urbanos os fariam mudar de bairro. Em resposta a essa pergunta, um total de 10%, ou seja, duas pessoas, responderam que se mudariam e 90% (19 pessoas) não, porque construíram suas casas e vidas ali e que por isso não gostariam da mudança, mas tentariam de alguma forma mostrar sua opinião aos gestores públicos para evitar tal fato.

Em relação a esta pergunta e a anterior, um morador informou que tanto a redução quanto a liberação do acesso não seriam possíveis uma vez que a área foi tombada pela prefeitura há muito tempo. Acerca disso, nenhuma informação foi encontrada no *site* da prefeitura (<https://www.saojosedoriopardo.sp.gov.br>) ou no *site* de patrimônios do governo



(<http://www.infopatrimonio.org>) ou ainda quando se questionou a Secretaria de Meio Ambiente do município.

Outra questão levantada foi sobre o grau de poluição do bairro em seus diversos âmbitos devido à presença da mata. Neste quesito, nenhum morador acredita que o bairro é muito poluído, 62% acreditam ser pouco poluído, 19% acreditam ser razoavelmente poluído e outros 19% acreditam que não há qualquer tipo de poluição.

A penúltima pergunta do questionário diz respeito à valorização imobiliária do bairro e faz um paralelo com as questões socioeconômicas. Quando questionados sobre isso, 76% dos moradores acreditam que a área é mais valorizada pela presença da Mata da Paixão, 19% acreditam que não há correlação e apenas 5% acreditam que o bairro é desvalorizado pela mata. Os moradores que relataram pagar aluguel informaram que o mesmo é bem mais caro que nos bairros próximos e acredita que, em partes, isto seja devido à presença da mata.

Por fim, a última pergunta versou sobre as interferências que a prefeitura pratica ou não na Mata da Paixão em relação à manutenção interna e externa. 76% afirmam que há manutenção ao menos externas na área, como limpeza periódica das ruas e manutenção da tela de proteção; os demais 24% constatam que nunca viram e acreditam que não há manutenções.

Durante a aplicação do questionário muitos casos e lendas foram contados sobre a mata e sua história, como por exemplo, que a casa do caseiro, Sr. Paixão, o homem que era responsável por cuidar do terreno no passado, ainda está dentro da mata numa área de difícil acesso devido a densidade da vegetação. Outros moradores relataram que dentro da área há uma mina e uma trilha onde é possível percorrer toda a mata e muitos faziam trilhas com seus familiares nos finais de semana. Cenário este que mudou no decorrer dos anos, uma vez que a mata estava tendo muito movimento de andarilhos e demais pessoas para fazer o uso de drogas ilícitas, e não mais o uso recreativo da área, o que levou a comunidade a tomar a providência de trancar com cadeados os portões da mata por precaução e segurança.

Destarte, foi possível observar uma notável falta de informação da comunidade sobre o meio ambiente em que estão inseridos, como por exemplo, o fato da área ser um remanescente de mata atlântica além de não saberem responder prontamente a perguntas referentes a termos básicos como o conceito de poluição. Apesar do conhecimento limitado, os entrevistados respeitam e sabem as vantagens que um ambiente natural traz para a comunidade e suas vidas. Carvalho e Rodrigues (2015) corroboraram com este pensamento em seu estudo, notaram que a percepção do ser humano sobre áreas verdes é confusa e um tanto quanto limitada e por isso defendem a ideia que a percepção é um valioso instrumento para elaboração de medidas de conservação de áreas e demais estudos socioambientais. Os mesmos afirmaram ainda que iniciativas do poder público local são necessárias para promoção da educação ambiental a fim de estreitar os conhecimentos da população das cidades sobre o meio ambiente em que estão inseridos.

No que tange ao uso da área de forma recreativa, Pereira (2016) notou em seu estudo sobre áreas verdes, o grande interesse da população em usar estes locais de forma recreativa para assim ficar mais próximo da natureza, no entanto, este ponto gerou divergências significativas no estudo.



Enquanto alguns se preocupavam com a conservação da área e o fluxo de pessoas no bairro, outros, com uma visão mais naturalista optaram por mudanças a fim de tornar o espaço utilizável em horários controlados, pois entendem que há como mesclar a recreação a conservação da área sem perda de biodiversidade, assim criando valor e agregando no enriquecimento da cultura local.

Além disso, foi perceptível que a comunidade reconhece as demais funções de um fragmento urbano além da recreativa, tais como funções sociais, econômicas, culturais e ecológicas, como afirma também Szeremeta (2007) e assim se preocupam e prezam pela preservação da área pelos diversos benefícios que ela traz. Amato-Lourenço *et al.* (2016) apontam que o desmatamento é uma das principais causas do aumento de vetores de doenças, assim fragmentos florestais em urbanas poderiam ter efeito benéfico no controle destes.

Também entendem, mesmo que de forma limitada, o que afirmou Mota (2011), que a ocupação urbana leva à retirada da cobertura vegetal antes de qualquer coisa e por isso gera impactos ao ambiente, mas também à população de diversas formas. Ademais, além dos elementos listados, outros fatores como a redução da amplitude térmicas e redução da velocidade dos ventos são vantagens proporcionadas pela presença de vegetação (Shams, Giacomeli & Sucomine, 2009), mas muitas vezes não são notados pela população do entorno pois já se acostumaram com as condições locais.

## CONCLUSÃO

O presente estudo analisou a percepção dos moradores do entorno da Mata da Paixão, sendo possível perceber que, em sua maioria, a comunidade valoriza e reconhece as vantagens que morar próximo a um fragmento florestal traz às suas vidas. Desta forma, comprovou-se a hipótese levantada no início deste estudo de que a área de estudo traz benefícios e bem-estar, segundo o ponto de vista dos moradores do entorno. Além disso, reconhecem também seu valor natural, paisagístico, imobiliário e histórico-cultural para o enriquecimento da história do município. Percebeu-se ainda, que a comunidade não está satisfeita com as poucas intervenções e manutenções que a prefeitura do município vem fazendo na Mata da Paixão e reconhecem que tal descaso pode vir a prejudicar a segurança dos moradores.

O mapa elaborado a partir das coordenadas da borda da mata, mostra que sua área não sofreu alterações significativas durante o desenvolvimento da cidade e do bairro, favorecendo assim a manutenção do fragmento de vegetação original de mata atlântica.

Como limitação principal deste estudo, reside o fato de que o cenário ideal seria entrevistar todos os moradores do entorno, realizando assim um censo, de forma que teríamos um aporte maior de dados para as inferências. Em um segundo momento, entrevistar outros moradores do bairro, cujos domicílios não são confrontantes diretos do fragmento florestal, agregando mais elementos e informações ao levantamento.

Por fim, podem-se realizar outros tipos de estudos na área além da percepção, como por exemplo, uma avaliação de impactos ambientais dentro da mata para analisar seu grau de



preservação atual. Estes dados podem ser confrontados com os depoimentos já coletados durante o questionário, gerando um cenário do estado de preservação da mata, seus benefícios ambientais para contribuição da melhoria da qualidade de vida da comunidade e satisfação das aspirações dos moradores locais.

## 2 REFERÊNCIAS

- Amato-Lourenço, L. F.; Moreira, T. C. L.; Arantes, B. L. de; Silva Filho, D. F. da; Mauad, T. Metrópoles, cobertura vegetal, áreas verdes e saúde. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 86, p.113-130, abr. 2016.
- Carvalho, A. P. & Rodrigues, M. A. N. (2015). Percepção ambiental de moradores no entorno do açude Soledade no estado da Paraíba. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria*, v. 19, n. 3, set-dez. 2015, p. 25-35. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reget/article/view/17986>>. Acesso em junho de 2018.
- Fengler, F. H. *et al.* (2015) Qualidade ambiental dos fragmentos florestais na Bacia Hidrográfica do Rio Jundiá-Mirim entre 1972 e 2013. *Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental*, ISSN 1807-1929, v.19, n.4, p.402–408.
- Ferreira, E. F. B. (2012). *Modelo de avaliação da percepção do ambiente de circulação em espaços públicos urbanos*. Dissertação (mestrado) – Programa de mestrado em desenvolvimento e meio ambiente urbano, Universidade da Amazônia Belém - PA, 2012.
- Martelli, A. & Santos Júnior, A. R. (2015). Arborização Urbana do município de Itapira – SP: perspectivas para educação ambiental e sua influência no conforto térmico. *Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM Santa Maria. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*. e-ISSN 2236 1170 - V. 19, n. 2, mai-ago. 2015, p. 1018-1031. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/15968/pdf>. Acesso em 18 de novembro de 2018.
- Melo, A. G. C.; Carvalho, D. A.; Castro, g. C. & Machado, E. L. M. (2011). Fragmentos florestais urbanos. *Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal*, Garça, v. 17, n. 1.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de psicologia* (Natal), Natal, v.3, n.1, p. 121-130, Junho. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X1998000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em julho de 2018.
- Mota, S. (2011). *Urbanização e meio ambiental*. 4 Ed, Rio de Janeiro; Fortaleza: Abes.
- Pereira, H. D. S. *et al.* (2018). Topofilia e valorização ambiental de fragmentos florestais urbanos em uma cidade Amazônica. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo. 2018;21:e01590, v.21.
- Pereira, L. F. F. & Souza, A. D. G. (2016). Percepção ambiental dos moradores do entorno de duas áreas verdes no município de Poços de Caldas-MG. Congresso Nacional de Meio ambiente



Poços de Caldas. *Anais...* Disponível em: <http://www.meioambientepocos.com.br/anais-2016/70.%20PERCEPÇÃO%20AMBIENTAL%20DOS%20MORADORES%20DO%20ENTORNO%20DE%20DUAS%20ÁREAS%20VERDES%20NO%20MUNICÍPIO%20DE%20POÇOS%20DE%20CALDAS-MG.PDF>. Acesso em outubro de 2017.

Rodrigues, M. L. *et al.* (2012). A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 21, supl. 3, p. 96-110, Dez. 2012. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902012000700009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000700009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em julho de 2018.

Shams, J. C. A.; Giacomeli, D. C. & Sucomine, N. M. E. (2009). Emprego da arborização na melhoria do conforto térmico nos espaços livres públicos. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana - REVSAU*, Piracicaba – SP, v. 4, n. 4, p. 1-16.

Silva, M. P. *et al.* (2015). Análise da influência dos aspectos sociais na percepção ambiental da população residente na microbacia do córrego do Mineirinho, município de São Carlos-SP. *Revista EIXO*, Brasília-DF, v. 4, n. 2, julho-dezembro de 2015. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/288/187>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

SJRP - São José do Rio Pardo. (2007). Câmara Municipal. *Lei Municipal nº 2920*, de 15 de janeiro de 2007. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de São José do Rio Pardo. Disponível em: <<http://www.camarasjriopardo.sp.gov.br/doc/arquivo/3824.pdf>> Acesso em 14 de dezembro de 2017.

SJRP - São José do Rio Pardo. (2017). Câmara Municipal. *Mapa de Macrozonas*. São José do Rio Pardo, set. 2017. Disponível em: <<http://www.camarasjriopardo.sp.gov.br/doc/arquivo/3828.pdf>> Acesso em 14 de dezembro de 2017.

SOS Mata Atlântica. (2016). *Aqui tem mata*. Disponível em <<http://aquitemmata.org.br/#/busca/sp/São%20Paulo/São%20José%20do%20Rio%20Pardo>> Acesso em 30 de março de 2018.

Szeremeta, B. (2007). *Avaliação e percepção da paisagem sonora de parques públicos de Curitiba – Paraná*. Dissertação (mestrado) – Curso de Engenharia Mecânica, Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2007.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Cândido, L. G., Botzelli, L., Riondet-Costa, D. R. T., Imperador, A. M., Sant'anna, D. O. (2020). Percepção ambiental dos moradores do entorno da Mata da Paixão, em São José Do Rio Pardo- SP. *Holos*, 36(6), 1-17.

#### SOBRE OS AUTORES





**L. G. CÂNDIDO**

Graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Lavras (UFLA); mestrado em Engenharia Florestal (Manejo Ambiental); especialização em Ecoturismo e Planejamento de Atividades em Áreas Naturais; doutorado em Engenharia Florestal (Ciências Florestais) também pela UFLA. Atuando em: Conservação da Natureza, Unidades de Conservação, Educação Ambiental, Planejamento Ambiental Urbano e Sustentabilidade. E-mail: [leti.gc@gmail.com](mailto:leti.gc@gmail.com).

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4103-9054>

**L. BOTEZELLI**

Graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Lavras (UFLA); mestrado em Engenharia Florestal (Manejo Ambiental); especialização em Ecoturismo e Planejamento de Atividades em Áreas Naturais; doutorado em Engenharia Florestal (Ciências Florestais) também pela UFLA. Atuando em: Conservação da Natureza, Unidades de Conservação, Educação Ambiental, Planejamento Ambiental Urbano e Sustentabilidade. E-mail: [luciana.botezelli@gmail.com](mailto:luciana.botezelli@gmail.com).

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5916-0442>

**D. R. T. RIONDET-COSTA**

Graduação em Direito, Instituição Toledo de Ensino, Bauru; Mestrado em Engenharia da Energia (Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI) e doutorado em Ciências (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ). Atuando em: Conservação da Natureza, Unidades de Conservação, Educação Ambiental, Direito Ambiental, Planos Diretores. E-mail: [daniela.unifei@gmail.com](mailto:daniela.unifei@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9355-6056>

**A. M. IMPERADOR**

Instituto de Ciência e Tecnologia - ICT/UNIFAL, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UNIFAL); Educação Ambiental, Percepção Ambiental e Sustentabilidade. E-mail: [adrianaimperador@yahoo.com.br](mailto:adrianaimperador@yahoo.com.br).

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9755-2586>

**D. O. SANT'ANNA**

Instituto de Recursos Naturais - IRN/UNIFEI, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, Programa de Mestrado em Engenharia da Energia, ambos da UNIFEI. Atuando em: Planejamento ambiental urbano, Sustentabilidade ambiental. E-mail: [ornaghi@gmail.com](mailto:ornaghi@gmail.com)

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0271-1693>

**Editor(a) Responsável:** Francinaide de Lima Silva Nascimento

**Pareceristas Ad Hoc:** MARIA DE FÁTIMA BARBOSA E VANDERVILSON CARNEIRO

